

Cláusulas apositivas “desgarradas” em português: estatuto sintático-discursivo

Nilza Barrozo Dias (UFJF/FAPEMIG)*

Resumo

Este artigo focaliza as relações sintático-discursivas das cláusulas apositivas que se realizam como unidades independentes ou “desgarradas”. Estas cláusulas apositivas podem ser introduzidas por conectores discursivos, que geralmente são oriundos de verbos. Elas têm, normalmente, como elemento base de referência, uma oração ou uma série de orações e não um sintagma nominal.

Palavras-chave: Aposição; Cláusulas; “Desgarradas”.

Aposição

A construção apositiva é constituída pela unidade A, base, e pela unidade B, apositiva. A aposição tem sido observada como uma relação gramatical constituída, predominantemente, por sintagmas nominais, embora possa se realizar como aposição não-nominal,

oracional e sentencial (MEYER (1992)). A aposição apresenta, sintaticamente, uma relação de gradação quanto às suas características, ou seja, algumas construções são semântica e sintaticamente mais prototípicas do que outras (MEYER (1992) e NOGUEIRA (1999)). Para Nogueira, a aposição *é um notável exemplo de uma categoria que não exhibe fronteiras bem definidas em termos de condições necessárias e suficientes.* (1999:49).

A construção apositiva pode valorizar os aspectos formais do grau de dependência estrutural entre seus elementos, segundo Meyer. O autor propõe aposições coordenativas e subordinativas. As primeiras são aposições centrais; e as subordinativas, por estarem na fronteira com outros tipos de construção, são as periféricas. Ele propõe critérios para identificar a aposição central. Construções que não preenchem um desses critérios são chamadas de periféricas. Os critérios propostos por Meyer são: (i) a primeira unidade da aposição pode ser suprimida; (ii) a segunda unidade da aposição pode ser apagada; e (iii) as unidades da aposição podem ser permutadas.

Para HALLIDAY (1985), temos na aposição uma relação lógico-semântica de expansão entre a cláusula matriz e a cláusula apositiva, sendo que esta expande a outra, elaborando o significado da primeira, provendo maior caracterização do elemento já presente, reintroduzindo-o, clarificando a informação e adicionando atributo.

Neste artigo, focalizamos a unidade apositiva constituída por orações ou sentenças que sejam *desgarradas* (DECAT (2001)). Segundo a autora, são certos tipos de orações subordinadas de ocorrência “independente” no português *escrito*, constituindo unidades informacionais à parte. Estamos analisando unidades *desgarradas* na *escrita* e também na *fala*. Nesta última modalidade, adaptamos a proposta de Decat e incluímos em nossas análises aquelas unidades apositivas que ocorrem após pausa longa e que apresentem características similares àquelas da escrita, do ponto de vista sintático, semântico e discursivo. Na primeira parte, mostraremos alguns exemplos de unidade apositiva *não desgarrada* constituída de orações após dois pontos na escrita e pausa na fala. A seguir, discorreremos sobre as apositivas *desgarradas*.

A nossa hipótese é que há um afrouxamento na relação matriz-aposição nas unidades apositivas “desgarradas”; geralmente o elemento base, neste contexto específico, é uma unidade constituída por oração/ orações, e, raramente, por sintagmas.

1 Algumas propriedades funcionais na caracterização da aposição

A compreensão do processo correferencial que estamos considerando na aposição nos dá subsídios na análise dos diferentes sistemas de conexão entre as unidades A e B. Estamos centrando o foco de nosso interesse no tipo de elemento base que ocorre ou constitui a unidade matriz sobre a qual a aposição recai: se sobre um sintagma específico, se sobre uma cláusula ou seqüência de cláusulas.

As unidades A e B podem ter como tipo de conector: (i) zero Ø; e (ii) conectores discursivos. A esse respeito, podemos afirmar, com base nos

resultados estatísticos já levantados, que há predominância do tipo (i); no caso da presença de conectores discursivos (tipo ii), a unidade B é predominantemente constituída de períodos longos, mas será constituída de uma única cláusula, quando o locutor quiser sobrepor uma conclusão e/ou uma avaliação.

Podemos visualizar uma certa "assimetria", ou seja, os resultados até o momento apresentam a forma de um pêndulo; quanto mais *peso* tem o elemento base na unidade matriz, mais *leve* será a unidade apositiva. Desse modo, se a aposição recai sobre um sintagma na unidade A, ela será comumente expressa por um conjunto de cláusulas na unidade B; contudo, se o *elemento base* da unidade A for constituído por uma cláusula, a unidade apositiva poderá ser também uma cláusula e, neste caso, apresentar ambigüidade sintática (temos estruturas na fronteira entre parataxe e aposição), ou a unidade apositiva poderá realizar-se em períodos longos e ser mais *pesada*. Se o *elemento base* da unidade matriz for constituído por cláusulas que formam um período longo, portanto, *pesado*, teremos uma unidade apositiva constituída por uma única cláusula, portanto, uma unidade *leve*.

Esquemáticamente, assim representamos esses fatos lingüísticos no quadro abaixo.

Quadro I: realização sintática das unidades e tipo de conector

Unidade A (matriz)	Tipo de conector	Unidade B (apositiva)
Sintagma	conector \emptyset	Cláusula (s)
Cláusula		cláusula (ambigüidade sintática)
Sintagma	conectores discursivos	cláusulas (períodos longos)
Cláusula		cláusulas (períodos longos)
cláusulas (período longo)		cláusula (apenas uma)

Ou seja, à medida que o elemento base da unidade matriz fica mais *pesado*, temos à direita a unidade apositiva mais *leve*. E, à medida que a unidade base realiza-se como um sintagma ou uma oração apenas, portanto um elemento mais *leve*, temos como unidade apositiva períodos longos e *pesados*.

MEYER (1992) não considera a correferência como o único tipo de relação semântica entre as unidades da aposição, embora já tenha sido considerado o critério principal pela literatura lingüística. Temos ainda outras relações semânticas referenciais parte/todo, catafórica, ou não-referenciais, como sinonímica, hiponímica e atribuição. As classes semânticas identificadas pelo autor - identificação, exemplificação, particularização (as três são mais específicas) e paráfrase, autocorreção (as duas são igualmente específicas) - também foram encontradas por NOGUEIRA (1999) que as considera como funções textual-discursivas, acrescentando ainda a avaliação e a reformulação.

No nosso trabalho, analisaremos a correferência do ponto de vista do locutor, ou seja, considera-se a existência da correferência, por ter o locutor o propósito de referir-se a uma mesma realidade extralingüística; verificaremos algumas funções semântico-textuais a partir da proposta de Meyer e Nogueira,

mas com atenção especial às características dos nossos dados; e testaremos a intercambialidade entre as unidades matriz e apositiva bem como a supressão de uma das unidades, com o intuito de identificar uma aposição mais canônica em relação a uma mais periférica. Esta tentativa não resolve a natureza estritamente sintática da unidade apositiva, já que, nos nossos dados, encontramos orações de categorias sintáticas diversificadas – paratáticas, hipotáticas e encaixadas – que funcionam como unidades apositivas.

Os nossos resultados estão apoiados numa análise funcional discursiva, utilizando como *corpora* amostras do Censo/RJ, PROCON¹ de Juiz de Fora e NURC de São Paulo (versão resumida) e textos escritos da Revista *Veja*, seção *Ponto de Vista*. Numa primeira etapa, procedemos a uma análise quantitativa dos dados; nesta etapa, estamos nos embasando numa análise mais qualitativa.

2 Unidades apositivas: preâmbulos

Encontramos cláusulas apositivas que, nos termos de NOGUEIRA & LEITÃO (neste volume),

possuem expressões referenciais específicas na unidade matriz, criando um foco de referência em relação ao conteúdo proposicional em particular identificado no contexto imediatamente seguinte. Tal conteúdo pode ser encapsulado e designado por um nome genérico, usado na primeira unidade.

Temos, de fato, uma referência catafórica.

O exemplo (1) representa uma referência catafórica.

- (1) Após ver tantos exemplos de P&D sendo feitos silenciosamente em suas oficinas, perguntei-me se, discretamente, essa instituição não se teria tornado um fabricante de P&D de certo porte? Como as velhas gerações do Senai resistiram a tal evolução, tudo ocorria discretamente, sem que alguém sequer desse um balanço que pudesse responder a uma pergunta simples: **o que o Senai faz em matéria de pesquisa tecnológica aplicada?** (*Veja*, Ponto de Vista, 17/10/01)

Este exemplo constitui um esclarecimento do sintagma nominal *uma pergunta simples*. A unidade A, cujo sintagma nominal base é *uma pergunta simples*, estabelece uma relação catafórica com a unidade B que é constituída por uma única oração. Esta ocorre após uma pausa, representada na escrita por dois pontos. A relação entre o referido sintagma e sua unidade apositiva é a particularização, sendo desnecessária a inserção de um conector discursivo. Temos, então, uma aposição menos central, já que, embora uma unidade faça as vezes da outra, a ordem das unidades não é reversível e a unidade B não pode existir sem a unidade A neste exemplo.

Já no exemplo (2), temos uma unidade base *baldeação*, cujo detalhamento pode ser observado na unidade B, apositiva, em negrito. Observamos

que as duas unidades são separadas por uma entonação mais longa, o que não acontece no exemplo (1), em que a unidade B ocorre depois de dois pontos, na escrita. O exemplo (2) nos interessa neste artigo.

No exemplo (2)

- (2) Ah, de +Cordovil para o trabalho? (ruído) *de Cordovil (ruído) para o trabalho, eu gasto, simplesmente trezentos cruzeiro, por dia, de passagem, para vim de Cordovil até aqui. (ruído) porque tem que fazer uma baldeação. **Eu tenho que vim- pego ônibus na Brasil, venho até a central, não é? Da central, pego o metrô, venho até Botafogo, pego o quatrocentos e nove, venho até o ponto final, o resto, subo uns seiscentos metros a pé.** (PEUL/RJ. Dav),

a unidade B em negrito é constituída por várias cláusulas que, no conjunto, constituem um período longo e *pesado*. Contudo, observamos que todo o elemento em negrito está dizendo em outras palavras o que seja "baldeação" para o falante. A unidade apositiva ocorre após uma pausa mais longa na fala. Temos uma referência catafórica, segundo NOGUEIRA (1999). Neste exemplo, poderíamos apagar uma das unidades sem comprometer a informação. Mas, se invertermos as unidades A e B, a unidade sublinhada funcionaria como uma cláusula hipotática de adendo.

Meyer levanta a questão de similaridade entre aposição e coordenação, o que pode levar a uma certa ambigüidade. A dificuldade, para o autor, está em identificar aposição e diferenciá-la da coordenação assindética. Outros autores vêem semelhança entre aposição e coordenação e entre aposição e justaposição. Nogueira afirma que, nas diferentes construções apositivas, a natureza centrípeta parece ser o traço comum. Citando NEVES (1984), reafirma que a aposição tem no segundo segmento uma retomada do primeiro, o que difere da coordenação, que é marcada pela condição de exterioridade sintática.

No exemplo (3)

- (3) L1 dizem que tá muito abandonado aquele troço
L2 abandonado (é um absurdo) porque... não tem vias de acesso... as vias de acesso pra lá atualmente é uma barbaridade... é quase que você ... fazer uma viagem... que você (como é que você vai chegar estrada de terra... ruim...
Doc ()
L2 vou de carro...vou de Kombi (NURC- D2-REC-05-REC),

temos, do ponto de vista semântico, uma relação hiponímica, sendo que a unidade apositiva em negrito serve para particularizar, ou seja, a unidade B diz qual é o tipo de carro. É uma estrutura *ambígua*, nos termos de Meyer, já que assemelha-se à estrutura paratática, embora reconheçamos que a diferença esteja na relação sinonímica estabelecida. Pode ser vista como uma aposição periférica, porque eu posso trocar as duas unidades de posição (mas não é o

que normalmente fazemos), posso cancelar a primeira unidade, mas, se eu apagar a unidade B, a unidade A não trará a especificação do tipo de carro, o que pode dificultar e comprometer a informação. Para NEVES (1984 *apud* NOGUEIRA, 1999), a coordenação caracteriza-se pela exterioridade sintática, enquanto a aposição tem no segundo segmento uma retomada do primeiro segmento. O exemplo acima só foi encontrado em amostras de fala.

3 Unidades apositivas desgarradas

Temos observado, em nossos dados, ocorrências de unidades apositivas *desgarradas*. DECAT (2001:114) afirma que há uma estreita relação entre a função da oração adjetiva explicativa e a ocorrência de orações desgarradas nos textos instrucionais e informativos. As adjetivas servem às informações suplementares, explicações necessárias ao aspecto instrucional do texto, tentando convencer o leitor sobre determinado aspecto da informação e também como esclarecimentos de pontos de vista dos escritores, marcando a interação com o público. A autora levanta a hipótese de que,

quanto maior a intenção comunicativa de ênfase, de foco, maior a tendência ao desgarramento da oração, que se torna uma frase autônoma, tendo, assim, maior peso no fluxo informacional e na cadeia temática, do que estar ainda atrelada formalmente a outra. É a ênfase com vistas ao convencimento.

No exemplo (4)

- (4) O liberalismo já encontrou no neoliberalismo sua nova fórmula, coma qual dominou a primeira fase desse novo ciclo. **A esquerda ainda não conseguiu repensar. Vive entre o niilismo, o puro antineoliberalismo e a expectativa de que o passado impossível se torne possível.** (Sérgio Abranches. *Veja. Outono em Praga*)

a unidade apositiva em negrito esclarece, diz em outras palavras, a informação que está contida na oração anterior. É uma relação sinonímica, não no sentido dicionarizado, mas no sentido de que temos, do ponto de vista textual-discursivo, a mesma informação. Podemos ainda perceber uma relação causa/conseqüência (e vice-versa) superposta à relação sinonímica da função apositiva.

No exemplo acima, a ênfase parece ser a meta nesta unidade B. Ou seja, a unidade apositiva *desgarrada* serve para frisar *o que a esquerda ainda não conseguir repensar*. O jornalista reforça na cadeia temática *o viver da esquerda*. Por ser uma unidade apositiva *desgarrada* sem conector, tendo como elemento base toda uma oração (sublinhada), a idéia de conexão frouxa fica mais presente. Se aplicarmos, no exemplo acima, a proposta de Meyer quanto ao caráter central ou periférico da aposição, observaremos que a unidade B falará do *liberalismo* e não da *esquerda* no Brasil. Desse modo, o exemplo (4) se encaixa na construção apositiva periférica.

No exemplo (5)

- (5) Ao cabo de um ano de programa, em média, esses alunos terminam pulando dois. Testes preliminares mostram que eles têm praticamente as mesmas notas de suas colegas não repetentes de quarta série. Impressionante, pois não?

Mas nada é de graça neste mundo. O programa custa entre 150 a 200 reais, num país que gasta 350 reais por aluno/ano.(VEJA, 01/04/98),

a unidade B retoma todo o elemento sublinhado em A, ou seja toda a oração. A unidade apositiva detalha o elemento em A, reformulando o já dito. As duas unidades não possuem o mesmo significado no sentido dicionarizado, contudo, podemos falar em mesma perspectiva do ponto de vista do falante. Nos termos de NOGUEIRA (1999:59), o falante reformula o que disse no primeiro elemento. A reversibilidade das unidades mudaria o tom do locutor. Ou seja, a unidade A, sublinhada, se fosse utilizada na posição da unidade B, passaria a funcionar como uma conclusão avaliativa. Talvez a ambigüidade verificada na troca de posição se deva ao tipo de aposição. Este tipo está bem próximo das cláusulas paratáticas, mas ainda constitui uma aposição periférica nos termos de Meyer.

4 Unidades apositivas desgarradas e conectores discursivos

Nos textos da revista Veja, temos apenas 23% de cláusulas apositivas introduzidas por conector discursivo. Na fala, temos tanto do PROCON quanto do PEUL uma margem de 20% para cada tipo. Os conectores discursivos encontrados foram: *ou seja, quer dizer, isto é, vale dizer e por exemplo*. As unidades apositivas introduzidas por conectores oriundos de verbos apresentam um comportamento semelhante; já aquelas unidades introduzidas por *por exemplo* revelam características próprias. O que nos parece interessante destacar é que as unidades apositivas introduzidas por conector são, na sua grande maioria, *desgarradas*.

KOCH & VILLELA (2001:273) apontam as formas verbais usadas como conectores textuais que migram de um paradigma, o de verbos, para outro paradigma, o dos conectores, na continuação do discurso, como *ou seja, isto é, quer dizer, vale dizer*. E conectores discursivos situados no plano diretamente nocional, como *por exemplo*, que possui pendor argumentativo. Os primeiros conectores discursivos acima citados estão em processo de gramaticalização e expressam, segundo GORSKI *et alii* (2003), as funções de *ratificação*, em lugar de *ou seja*, e de *retificação*, em lugar de *aliás*, e as subfunções *esclarecedora* e *conclusiva*. Nos nossos dados, encontramos ainda a subfunção *avaliativa*.

Poderíamos hipotetizar que os conectores discursivos - *ou seja, quer dizer e isto é* - funcionam como uma *espécie de elemento catalisador (ou resumidor)* que ressalta a voz do locutor, corporificando-a. Desse modo, a relação locutor/interlocutor fica mais intensa, já que o locutor se introjeta no próprio texto. TRAUOGOTT (1995) afirma que *what Discourse Markers do is*

allow speakers to display their evaluation not of the content of what is said, but of the way it is put together, in other words, they do metatextual work.

No nosso trabalho, se optássemos por retirar os conectores discursivos supra citados, observaríamos que a relação apositiva se manteria, em alguns casos, mas a voz do locutor desapareceria em todos os nossos casos. Segundo FRASE (1988 *apud* TRAUOGOTT, 1995) *the absence of Discourse Marker does not render a sentence ungrammatical and/or unintelligible. It does, however, remove a powerful clue about what commitment the speaker makes regarding the relationship between the current utterance and the prior discourse*

5 Unidades introduzidas por conectores discursivos

Conforme já foi dito anteriormente, as unidades apositivas são introduzidas, em grande parte, por conectores discursivos oriundos de verbo. Destes, o mais investigado até o momento foi *quer dizer*; as unidades apositivas introduzidas por *por exemplo* apresentam um comportamento diferenciado do primeiro grupo.

A unidade apositiva introduzida por *quer dizer*, nos nossos dados, *sempre* ocorre como unidade *desgarrada*. Embora a unidade apositiva mantenha uma relação semântica com a unidade anterior, o falante a expressa como unidade desgarrada para enfatizar alguns aspectos textual-discursivos. Se a unidade apositiva não for desgarrada, este foco não fica tão em evidência. Parece-nos que não ter um SN ou SPrep como referente explícito na unidade base, mas sim toda a oração ou orações, deixa a unidade apositiva com uma certa “independência” sintática do restante do contexto; elas mantêm com a unidade base uma relação semântico- pragmática muito estreita, servindo a uma função coesiva importante ao desenvolvimento do texto.

As unidades apositivas introduzidas por *quer dizer* expressam funções semântico-pragmáticas diversificadas. São elas: ressalva, retificação, avaliação, conclusão (arremate), causalidade, especificação, ratificação e contraste.

As funções acima destacadas aparecem somente no português contemporâneo. Encontramos num estágio anterior e atual o *quer dizer (que)* com acepção de *significa*. Interessante observar que o conector discursivo formou-se com o verbo *querer* + um verbo *dicendi*, *dizer*, que é considerado um coringa dentre os verbos *de dizer*, e não com *querer* + *significa*. Como conector discursivo, *quer dizer* introduz uma unidade apositiva que geralmente parafraseia uma unidade base representada por um sintagma ou por oração ou orações, transmitindo-nos uma outra maneira de significar. Desse modo, a unidade B com conector discursivo *manifesta* a idéia de *significa* em estruturas sintáticas variadas, extrapolando, portanto, a semântica e atingindo níveis textual-discursivos.

No exemplo (6)

- (6) Entrevistador: Nossa, (não é)? Que loucura. Você pretende se mudar?

Dav: de Cordovil? Pretendo, nem que seja mais para cima um pouco, está? Com toda a dificuldade, mas quero morar, assim, numa casa porque apartamento, realmente, para mim não dá, é um saco porque, olha só o regulamento que tem dentro do apartamento- tem- *você não pode ligar um som alto, não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, não pode bater um papo na rua porta- ou você manda a pessoa entrar ou você tem que descer para conversar na rua.* **Quer dizer, isso tudo é chato a pampa. (Censo/RJ.Dav),**

temos duas funções apositivas. Na primeira unidade apositiva, a unidade A, constitui a base da unidade apositiva em itálico. Ou seja, toda a unidade - *você não pode ligar um som alto, não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, não pode bater um papo na rua porta - ou você manda a pessoa entrar ou você tem que descer para conversar na rua* - explica o significado do regulamento dentro do apartamento. Temos uma correferência na perspectiva do falante. Nós poderíamos apagar uma das unidades ou poderíamos trocar a ordem em que ocorrem. Neste caso, teríamos uma aposição mais central, que tem um elemento de interrupção entre ela e a unidade base.

A segunda função apositiva, em negrito, - *Quer dizer, isso tudo é chato a pampa* - é introduzida pelo conector discursivo *quer dizer*. Esta unidade estabelece uma relação de correferencialidade como toda a informação contida a partir do elemento sublinhado. Ela constitui uma conclusão avaliativa por parte do falante, cujo julgamento da situação é negativo. Temos *chato a pampa* como elementos lingüísticos avaliativos. O conector *quer dizer* corporifica a voz do locutor.

No exemplo abaixo

- (7) Ah, mas até chegar no dia dessa cesária, esses quinze dias me parece que passou assim- parecia que era um século que nunca acabava de passar aquilo. E aquilo ali eu sofria com aquilo, não é? Porque eu vinha para o trabalho e ficava preocupado: Ela vai levantar da cama, ela não pode andar e tomando dezoito ampola de umas injeções lá que- que a doutora passou, porque era para a criança não ter problema respiratório porque ia sair antes do tempo. Então, foi um tratamento assim uma coisa! A doutora é muito boa, não é, a doutora Janete. Mas um tratamento assim, eu tinha que- seis hora da manhã, injeção, meia-noite, injeção, meio-dia tinha que ir um cara ir aplicar a injeção. **Quer dizer, eu ficava doido...**, (PEUL/RJ.Dav),

o falante introduz, na unidade apositiva, uma *avaliação* acerca do problema pelo qual estava passando. A aposição traz, ainda, um valor semântico *conclusivo*, ou seja, ela acumula as duas funções: é uma *conclusão avaliativa*. Neste exemplo, não temos um sintagma na unidade base com o qual possa se estabelecer a correferência na perspectiva do falante. Temos toda a informação anterior que

serve como elemento base da unidade B. Observa-se então que uma *única oração* desgarrada serve para pôr em foco a conclusão avaliativa feita pelo locutor.

WHITE (2001) analisa sentenças avaliativas como aquelas que manifestam um posicionamento atitudinal. Para ele, *utterances which can be interpreted as indicating that some person, thing, situation, action, event or state of affair is to be viewed either positively or negatively*. O posicionamento atitudinal pode ser observado na convergência de múltiplos aspectos, ou seja, na explicitação de certos aspectos lingüísticos, palavras ou expressões, e na forma implícita, através dos nossos conhecimentos (as pressuposições).

No nosso exemplo em pauta, a *avaliação* ocorre com a atuação de vários fatores. Temos, no exemplo (7), as marcas lingüísticas que denotam um posicionamento atitudinal negativo: verbo de emoção *sofria*, os adjetivos *preocupado* e *doído* dão um tom negativo ao tratamento médico. Contudo, destaca a figura do locutor como um sujeito capaz de enfrentar situações difíceis. Parece-nos assim que, implicitamente, ele é um grande sujeito. A ordem das unidades não pode ser comutada, o que caracteriza uma aposição periférica.

No exemplo (8)

- (8) Man.: Eu entrei jogando com dezessete ano.
Entr: Um barato, não é? E, dá para o senhor dar assim uma receita do- de um bom físico- como ter um, não é?
Man.: Ah, hoje também foi uma boa pergunta essa. Por que no meu- na minha época, eu era- eu tinha dezessete ano eu era fraquinho, eu era magrinho, entendeu? **Quer dizer, não tinha assim um físico privilegiado para jogar.** (Censo/RJ),

observamos que a unidade introduzida por *quer dizer* constitui uma conclusão avaliativa por parte do falante acerca do próprio corpo: ele era magrinho, portanto não tinha físico para jogar. Esta avaliação é baseada num julgamento daquilo que cabia a um jogador de futebol, do ponto de vista do locutor, possuir. Ou seja, um físico privilegiado. De fato a unidade em negrito retoma toda a unidade A sublinhada. Se retirássemos o *quer dizer*, o locutor não estaria introjetado no próprio texto, embora a unidade em negrito continuasse a ser uma paráfrase do que *era ser magrinho*. Além disso, a unidade *desgarrada* põe, no fluxo temático, o problema do físico do jogador como algo realmente relevante; evidencia mais ainda o problema, quando observamos que ele reforça a mesma informação como um *adendo* na cadeia temática.

Se aplicarmos a proposta de Meyer quanto às características da unidade como central ou periférica, observaremos que podemos trocar a posição de A com B e teremos:

- (8⁹) Manoel: Ah, hoje também foi uma boa pergunta essa. Por que no meu- na minha época, eu era- eu tinha dezessete ano eu era fraquinho, entendeu? **Quer dizer, não tinha assim um físico privilegiado para jogar entendeu?** eu era magrinho.

Na troca de posição a mesma informação se mantém, porque temos uma relação sinonímica, em que o elemento introduzido por *quer dizer* constitui uma paráfrase. Este é um exemplo de um caso raro de sinonímia com conector discursivo.

No exemplo (9)

- (9) Dados recentes da Paula Souza documentam de forma indisputável a troca de perfil dos alunos. Aqueles com renda familiar de até cinco salários mínimos passaram de 32% para 57%. **Ou seja, praticamente dobrou a proporção de alunos de origem muito modesta, legitimamente interessados nos cursos profissionais oferecidos.** Ponto de Vista: "Claudio Moura Castro" 30.07,

a unidade apositiva *desgarrada* introduzida por *ou seja* constitui uma paráfrase da unidade A, sublinhada, marcando uma generalização. A relação estabelecida entre as unidades é sinonímica, se levarmos em conta o conhecimento compartilhado e não o dicionarizado. O conector *ou seja* introduz uma conclusão e apresenta a comprovação da fala do locutor que aponta para a importância da unidade apositiva na compreensão do ponto de vista defendido pelo jornalista.

No exemplo abaixo

- (10) A imagem popular dos governantes tem pelo menos duas dimensões: desempenho e confiança, que são relativamente independentes. **Isto é, a população pode confiar no governante, mas avaliar mal seu desempenho, e pode não confiar nele, mas achar que está fazendo um bom trabalho.** (*Os outros Estados Unidos*),

percebemos que a unidade apositiva *desgarrada*, introduzida pelo conector *isto é*, específica e delimita a informação da unidade base, estabelecendo uma relação entre a estrutura organizacional de empresa e a estrutura de uma escola. Na unidade base, não está suficientemente claro quais atividades empresariais deveriam também ser adotadas pela escola. Assim, a unidade apositiva consiste em delimitar as referidas atividades. Temos uma aposição periférica, em que as unidades A e B são irreversíveis, devido à própria relação estabelecida de todo-parte, embora a unidade B possa ser omitida. As unidades introduzidas por *isto é* foram em pequeno número e só ocorreram na escrita.

O conector discursivo *por exemplo* constitui um grupo à parte dos conectores oriundos de verbos, por possuir características que o tornam peculiar. A relação estabelecida *parte-todo* é muito recorrente, embora tenhamos algumas variações como *geral-específico* e *usual-incomum*. Dentre as funções semânticas encontradas, a *exemplificação* é a mais geral. O conector discursivo *por exemplo* apresenta uma certa mobilidade na sua posição na unidade apositiva: inicial e

medial, após um sintagma introdutor da unidade apositiva (posição mais comum nos dados, sobretudo escritos).

Podemos hipotetizar que a unidade apositiva introduzida por *por exemplo* possui uma função próxima à da sustentação de um *ponto de vista* defendido por um locutor ou jornalista, levando-se em consideração a adaptação dos movimentos argumentativos de SCHIFFRIN (1994) e VIEIRA (2002). Na sustentação do ponto de vista, temos a justificação, a explicação e a evidência empírica. O que nos parece relevante destacar, na análise dos dados, é a *evidência empírica* que, na tradição dos estudos da argumentação, apresenta-se sob as formas de *exemplificação*, *dados estatísticos* e *testemunhos*. A evidência das provas tem sido considerada relevante na argumentação.

No exemplo (11)

- (11) Hoje a situação é diametralmente oposta. A maioria da população brasileira vive em grandes centros urbanos, fenômeno com menos de quarenta anos de existência. **Por exemplo, nem dá para pensar em conhecer as 100 000 pessoas em sua faixa etária de sua metrópole.** (*Veja*. 07/03/01),

a unidade B em negrito estabelece uma relação de correferencialidade com a unidade A, sublinhada. A relação semântica estabelecida é de todo-parte, sendo que a parte é uma exemplificação estatística de uma faixa etária da população de uma determinada metrópole, em relação à população inteira da mesma metrópole. Constitui uma aposição menos central, devido ao fato de que as unidades não são intercambiáveis, nem podem se apagadas individualmente. O *por exemplo* ocorre na posição inicial na unidade apositiva *desgarrada*. A unidade *desgarrada* serve para destacar a importância do ponto de vista do jornalista: a maioria da população vive em grandes centros urbanos. Para sustentar a sua defesa, ele exemplifica estatisticamente uma determinada faixa etária e, deste modo, tenta convencer o leitor de que a sua tese é relevante na defesa do seu ponto de vista – impossível conhecer tanta gente.

No exemplo (12)

- (12) Assim sendo, de uns tempos para cá, começaram a proliferar as alegações de que tal produto de determinado país deve ser gravado por uma sobretaxa por ter sido mediante degradação do meio ambiente ou fabricado conforme “padrões trabalhistas”, ou de saúde pública, inferiores aos aceitáveis. **A celulose brasileira, por exemplo, pode não obter um “selo ambiental” emitido por uma ONG financiada por produtores americanos.** (Gustavo Franco. *Veja*. Os republicanos e o protecionismo. 22.11.00),

a unidade B “desgarrada” determina a *parte* na relação com o *todo*. Ou seja, na unidade A, temos as alegações de que um produto de determinado país

deva ter uma sobretaxa se este produto implicar degradação do meio ambiente e fabricação inferior aos padrões trabalhistas e aos de saúde pública. Na unidade B, apositiva, Gustavo Franco destaca um produto brasileiro, a celulose, que poderá não obter um selo ambiental. O *por exemplo* poderia ocorrer antes de *a celulose brasileira* e, deste modo, a relação *todo-parte* se manteria.

Contudo, Gustavo Franco opta por colocar o *por exemplo* depois de *a celulose brasileira*. Desse modo, o conector discursivo faz uma referência anafórica ao SN *a celulose brasileira*, colocando a *parte* da relação em foco, em evidência na temática do texto. Além disso, a unidade apositiva é uma *desgarrada*, que retoma toda a informação que a antecede. Ou seja, Gustavo Franco coloca como seu ponto de vista: *produtos terão sobretaxa por não atenderem a padrões trabalhistas ou aos de saúde pública*; tenta *sustentá-lo* através de um exemplo bastante relevante que ele pressupõe ser compartilhado pelos leitores: a celulose brasileira pode estar atrelada à destruição das nossas matas ou ao sistema de escravidão de brancos nas fazendas, portanto, só tem competitividade internacional quem prova que não comete as duas faltas supra citadas. A exemplificação de um elemento que extrapola os limites nacionais tem um peso argumentativo muito grande, mas fica mais evidente quando Gustavo Franco deixa "implícito" o nível de comprometimento que há entre a ONG que dá o "selo ambiental" e os interesses econômicos do país que a financia, os Estados Unidos. Com tantas voltas, o jornalista faz uma crítica ao "protecionismo" americano.

Considerações parciais

Os enunciados apositivos apresentam uma gradiência sintática. Analisamos, neste trabalho, os casos em que a aposição se assemelha à coordenação e observamos a ambigüidade encontrada nestas estruturas. Destacamos principalmente as unidades apositivas constituídas por cláusulas *desgarradas*, que possuem uma grande força expressiva na tessitura temática do texto. Estas cláusulas são geralmente introduzidas por conectores discursivos oriundos de verbos (*ou seja, quer dizer, isto é, vale dizer*) e por conector de pendor argumentativo (*por exemplo*). Consideramos a relação de correferencialidade como relevante na relação apositiva, embora reconheçamos que não seja a única. Encontramos a relação referencial *todo-parte* e *catafórica* e a *não-referencial hiponímica* e *sinonímica*. A paráfrase é a função semântico-textual mais representativa, mas encontramos ainda a *conclusão* (bastante recorrente), a *retificação*, a *ressalva*, a *especificação*, a *ratificação*, o *contraste* e a *exemplificação*. Há também a *superposição* da relação semântica *causa-conseqüência* em alguns casos.

Parece-nos que o conector discursivo pode ser considerado com uma corporificação da voz do locutor ou do jornalista no caso dos conectores oriundos de verbos. Se os retirarmos, perdermos a *introjeção* do falante no próprio texto. Esta idéia de *introjeção* é particular dos parênteses (JUBRAN (1996) e DIAS (2001)). Algumas unidades apositivas apresentam uma semelhança com as cláusulas de *adendo*, por representarem um reforço de informação.

O conector discursivo *por exemplo* apresenta um comportamento diferenciado, devido ao seu forte pendor argumentativo. Ele introduz uma unidade apositiva que pode constituir a sustentação do ponto de vista do locutor ou jornalista. Para dar maior credibilidade a sua fala ou texto, o locutor ou jornalista recorre à tradição dos estudos da argumentação discursiva, nos nossos exemplos, à evidência empírica. Neste caso, temos os subtipos exemplificação, dados e testemunhos, mas somente os dois primeiros foram encontrados até o momento.

Averiguamos também se a unidade apositiva pode ser mais central ou mais periférica, mudando a sua posição em relação à unidade matriz. Observamos que, como ocorre geralmente na articulação de cláusulas de um modo geral, a troca de posição pode levar a uma mudança de foco dado pelo locutor ou jornalista àquele tipo de estrutura selecionado na construção do texto. O que nos leva a uma relação estreita entre gramática e discurso: eles se moldam, ajustam-se na construção da temática do texto.

Abstract

This paper deals with the syntactic and discursive relations expressed by the appositive clauses, specially that one realized as "independent unit" clauses. These appositive clauses can be generally introduced by connective markers, which come out from verbs. They have normally a clause or a sequence of clauses as a reference base element.

Keywords: Appositions; Clauses; Independent units.

Notas

* O presente artigo deriva do projeto de Pesquisa FAPEMIG SHA 598-02 "A articulação de cláusulas: a sintaxe, a semântica e a pragmática", que conta com a colaboração dos seguintes bolsistas de iniciação científica: Fábio da Silva Fortes (PROBIC), José Carlos Lourenço Ferreira (CNPq) e Rafaela Domingues Costa (BIC).

¹ Este projeto do qual faço parte é coordenado pela Profa. Dra. Sonia Bittencourt Silveira, intitulado *Interação de Fala em Contextos Institucionais*, UFFJ, Minas Gerais.

Referências bibliográficas

DECAT, Maria Beatriz N. Orações adjetivas explicativas no português brasileiro e no português europeu: aposição rumo ao "desgarramento". In: *Scripta*. Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 104, 2º semestre de 2001.

_____. Por uma abordagem da (in) dependência de cláusulas à luz da noção de "unidade informacional". In: *Scripta*. Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 23-28, 1º semestre de 1999.

DIAS, Nilza B. *Cláusulas apositivas em português: estatuto sintático-discursivo*. Comunicação no GEL. Santo André. SP. Julho de 2005.

_____. *As cláusulas apositivas: estatuto sintático, semântico e pragmático*. Relatório de Pesquisa.FAPEMIG. 2004.

_____. *As cláusulas de finalidade*. UNICAMP/ SP. Tesede Doutorado. 2001.

GORSKI, E. *Et alii*. Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas com indícios de gramaticalização. In: *Português brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Roncarati & Jussara (orgs.) RJ. Fapesp/UFRJ. Viveiros de Castro Editora. 2003.

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. 2 ed., London: Edward Arnold, 1994 [1985].

JUBRAN, Clélia C. A. S. _ Parênteses: propriedades identificadoras.. In: *Gramática do Português Falado*, vol. IV.(Orgs): Castilho e Basílio. São Paulo: FAPESP/Ed. Da Unicamp, 1996.

KOCH, Ingedore e VILELA, Mario. Gramática da Língua Portuguesa. Editora Almedina. Coimbra. 2001.

MEYER, Charles F. *Apposition in contemporary English*. Cambrige Press, 1992.

NOGUEIRA, Márcia. *A aposição não-restritiva em textos do português contemporâneo escrito no Brasil*. Tese de Doutorado. Unesp/Araraquara. 1999.

SCHIFFRIN, Deborah - *Approaches to discourse*. Blackwell. USA, 1994.

TRAUGOTT, Elizabeth C. The role of the development of discourse markes in a theory of grammaticalization. www. <http://www.stanford.edu/~traugott/traugott.html>. Acesso: agosto de 2005.

VIERA, Amitza T. - *Movimentos argumentativos em uma entrevista televisiva: uma abordagem discursivo- interacional*. Dissertação de Mestrado, UFJF, 2002.

WHITE, 2001. Appraisal. www. [grammatics. com/ appraisal](http://www.grammatics.com/appraisal).